

Itaú diz que acordo faz País respirar aliviado

SÃO PAULO — A aprovação do acordo do Brasil com o Fundo Monetário Internacional (FMI) permitirá ao País “respirar mais aliviado”, pois terá condições de saldar seus débitos atrasados no exterior, disse ontem o Diretor da Área Internacional do Banco Itaú, Sérgio de Freitas.

Mas a elevação das taxas de juros internas deverá ser a primeira consequência do acordo com o FMI, segundo previu, e esta elevação dos juros reais cobrados no sistema financeiro do País deverá ser “significativa”.

As empresas brasileiras ainda terão dificuldades para obter dólares nos próximos meses, pois a remessa líquida de capitais para o exterior será de cerca de US\$ 2 bilhões, isto se a conta dos juros se mantiver comportada. Esta sangria trará rigidez orçamentária absoluta para as empresas, e não sobrarão dólares para gastar, advertiu ontem em Porto Alegre o Diretor da revista “Conjuntura Econômica” (da Fundação Getúlio Vargas), Paulo Rabello de Castro.

O economista não acredita que a inflação vá cair e a situação interna do País melhorar enquanto o Governo não reduzir, efetivamente, seus gastos — embora tenha reduzido salários de trabalhadores e aumentado a carga tributária das empresas.

— As taxas de juros no mercado interno estão negativas, em consequência de a correção monetária estar sendo reajustada abaixo da inflação — disse Sérgio de Freitas.

Ele não acredita que o Brasil consiga obter os US\$ 6,5 bilhões que pretende, junto aos Bancos privados internacionais. Até agora, o comitê de banqueiros que assessora a renegociação da dívida brasileira diz ter assegurado US\$ 5,8 bilhões, ou 90 por cento do empréstimo solicitado.